ABEL SALAZAR, A UNIVERSIDADE E A CULTURA

LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA
UNIVERSIDADE DO MINHO

Os homens grandes são grandes mas cada um à sua maneira e é impossível, por isso, avaliá-los "numa balança ou entre os ponteiros de um compasso" para usar uma expressão de Teixeira de Pascoais. De facto, geralmente, na Universidade, apreciamos sobretudo os especialistas, aqueles que dedicam a sua vida e a sua obra ao aprofundamento dum tema ou dum assunto e, a priori, desconfiamos daqueles que se dispersam por vários assuntos ou vários ramos do saber. Ora, Abel Salazar, universitário ilustre, ultrapassando este critério que aliás tem a sua razão de ser, conseguiu ser grande em vários campos das ciências, das artes e das humanidades. Neste aspecto, cremos, por isso, que ele é um génio talvez mais para admirar do que para imitar pois geralmente um homem de cultura não possue ao mesmo tempo, a inteligência, a arte, o talento e a capacidade humana que cintilaram no perfil cultural de Abel Salazar. Ele foi eminente na medicina, na arte, na filosofia e na literatura, sempre em diálogo vivo com as correntes contemporâneas da cultura. É certo que não se pode alcançar a mesma estatura intelectual em todos esses campos. E Abel Salazar, nalgum deles, foi vítima de ideias feitas no seu tempo ou de uma cultura menos aprofundada. Mas mesmo nesses casos surge a sua original capacidade de reflexão e as suas perspectivas pessoais da concepção e missão da cultura que o tornaram sempre interessante mesmo quando os elementos de que parte ou estão ultrapassados, como no caso do Positivismo, ou não passavam de lugares comuns sem grande consistência histórica. Mas além de ser excepcionalmente eminente na medicina e na arte, mesmo nos outros campos mantém um lugar de relevo que merece o nosso estudo e admiração.

É por isso que, na celebração do centenário do seu nascimento, a Universidade, reparando erros do seu passado, o acolhe vivamente e lhe presta a homenagem que lhe é devida.

Nesta perspectiva, vou apenas recordá-lo, em breves pinceladas, como homem de cultura especialmente na sua concepção da missão da Universidade.

O problema da Universidade foi muito discutido, no seu tempo, por intelectuais, homens de cultura e universitários. Mas o que nos importa, neste momento, não é entrar nos meandros dessa polémica mas ressaltar a missão da cultura e da Universidade em Abel Salazar, que ainda hoje mantém o seu vigor. Ele fala contra a universidade isolada em si mesma, numa torre de marfim, que se limita à repetição das sebentas, do magister dixit, sem inovação nem repercussão social. Critica por isso o docente desta universidade decadente e o aluno que entra nas regras deste jogo. Esta sua ideia exprime-a, por exemplo, neste trecho de bela figuração literária, e que por isso escolhemos, no qual descreve o aluno, o Urso, um dos produtos mais típicos desta pedagogia decadente: "O que caracteriza o Urso, o que faz dele um fenómeno social e um símbolo, é a polarização de toda a sua personalidade, de toda a sua energia e acção, na conquista da nota. A subordinação completa duma individualidade a este ideal, a sujeição e absorção total duma mentalidade à conquista dos valores é o que essencialmente caracteriza o fenómeno. Toda a sua vida gira em volta deste centro; todo o seu cérebro é absorvido por esta luta, e toda a sua ânsia o projecta neste sentido (...) O cérebro do Urso não é uma mentalidade livre e responsável mas um museu, um dicionário, onde em pêle-mêle se acumulam os Testut', as Sebentas, a letra miúda e o nome pomposo. Abrindo a torneira vem o duche; fechando os olhos, cerrando os punhos, reproduz *ipsis verbis* o texto pedido, a citação poeirenta, a teoria gasta e velha. Se não é inteligente a sua mentalidade quasi se reduz à memória; se é inteligente, sujeita a inteligência à memória" (Abel Salazar, Marañon e os Ursos, in *Outro Ritmo*, nº 1, 1933, pp. 2-4). Portanto o Urso "limita a sua actividade aos rituais do laboratório e aos exercícios da escolástica científica nos quais é "especialista". Longe de si a criatividade e a dúvida; para ele a ciência não é um drama nem um desafio, mas a chave dos dramas, a receita dos problemas" (Ib. p.3). O remédio está em matar o Urso, o magister dixit, o espírito de autoridade e, em vez dele, criar o estudante livre e independente, o autodidata, condição *sine qua non* duma democracia cívica e da renovação do carácter nacional" (Inéditos, B.G.U.M, misc., 32982, pp.12 e 85).

Abel Salazar, ao mesmo tempo que expunha os seus pontos de vista pedagógicos e sociais, na Universidade, era também impiedoso para os que ele chama vergônteas do Urso – os futuros catedráticos, os futuros políticos e homens de Estado, os futuros dirigentes intelectuais do país onde abunda "muita parra e pouca uva", lei do mínimo esforço e máximo auto-reclame, comodismo burguês, anquilose burocrática, pomposidade acaciana, compostura conselheiral (B.G.U.M., 32982, p. 80).

Há nestas palavras um estilo brilhante mas polémico que é o que aqui menos nos interessa neste momento. O importante é o que elas nos revelam da sua concepção de Universidade que deve sim, como afirma, manter institutos científicos de alta cultura e investigação mas deve sair da sua torre de marfim e procurar, dentro e fora dela, a transmissão e divulgação duma cultura científica, a transformação da mentalidade colectiva num sentido positivo ou estoico, uma noção mais perfeita das responsabilidades e, portanto, da liberdade e da ordem, em suma, a formação do *civis academicus* – elemento fundamental duma sociedade democrática (Abel Salazar, *A função social da Universidade* in *Liberdade*, nº 215, 1933, p.3). Estas perspectivas do seu saber estão ainda nas condições presentes da Universidade. De facto, a Universidade, hoje, julgo eu, abriu-se e progrediu. Não foi portanto de todo infrutífera a mensagem cultural de Abel Salazar e da sua geração. A sua supervalorização da Grécia e a sua minimização do cristianismo, na peugada de A. Comte e do Positivismo, certas generalizações a toda a Universidade quando talvez apenas estavam em jogo alguns sectores, é a parte caduca que Abel Salazar pagou ao seu tempo, como nós também, embora inadvertidamente, estaremos naturalmente pagando ao nosso. Mas a sua visão da Universidade como transmissora de conhecimentos e investigação científica, sim, mas sem esquecer o que hoje denominamos de serviço à comunidade, foi uma conquista da geração de Abel Salazar como o foi também o empenho da difusão da cultura a todas as camadas sociais. Durante séculos tivemos apenas uma Universidade e só em 1911 surgiram três. Finalmente caímos na conta de que as 12 ou 13 que hoje começamos a desenvolver são condição indispensável para se realizar, entre nós, a difusão e progresso da cultura, cuja carência Abel Salazar tantas vezes lamenta. Se a Universidade deve ser um foco de cultura, como ele justamente defende, então a razão do nosso atraso cultural não esteve tanto nas culpas ou desculpas apresentadas como na falta secular de centros activos e superiores de cultura.

Esta falta de cultura aparece clara em duas lacunas atávicas ou defeitos palpáveis que Abel Salazar certeiramente anatematizou e vêem transcritas no Programa que vos foi distribuído. O primeiro refere-se à falta de equilíbrio entre a Tradição e o Progresso no qual atinge os povos latinos mas é evidente que tem presente especialmente o nosso país. Diz ele: "O grande mal dos povos latinos, um dos seus grandes males é nunca terem podido equilibrar-se entre o chamado "progresso" e a tradição. O progresso exclusivo, sem tradição, automatiza, anquilosa, transforma os homens e as nações em autómatos vivos, cépticos, vazios d'alma, e secos de coração;

a tradição exclusiva cae no marasmo: um país, com progresso e sem tradição (...) é uma espécie de relojoaria sem alma; um país (...) com tradição e sem progresso, é um quisto no mundo, entre os outros povos (...) As nações são como os homens, têm de ter um carácter melhor ou pior; o progresso tende a nivelar tudo e a suprimir o carácter (...) Nós nunca soubemos equilibrarmos entre a Tradição e o Progresso".

O outro nosso defeito cultural por ele apontado e que urge vencer para alcançarmos uma "renovação do carácter nacional" estigmatiza-o com palavras caricaturais mas de sentido verdadeiro e pertinente. Assim escreveu numa carta a Joaquim Madureira: "Se não temos uma Arte própria, temos uma literatura belissíma de primeiro quilate; temos história; o país não é pobre, que diabo nos falta? Carácter! Carácter e sempre Carácter.

É curioso observar o japonês em Paris ou em Berlim. Tudo observa, tudo anota, tudo assimila, e nada admira, ficando acima de tudo – japonês; (...) o português rebaixa-se, pasma, torna a pasmar, (...),porque não assimilou nem adaptou! Daí o seguinte: quando o japonês manda moços das escolas aos cardumes para Berlim e Paris eles chegam japoneses e voltam ainda mais japoneses; se o mesmo se faz em Portugal, eles vão portugueses, basbaques, pasmam, e voltam – snobs, franceses, bosches ou britânicos".

Esta observação é contundente mas por vezes tão real que não necessita de comentários!

O adequado conhecimento dos próprios valores, a sua exploração científica e cultural, num plano de investigação crítica e pessoal, a busca da resolução dos problemas humanos num plano superior, eis a meta que Abel Salazar propõe aos estudos universitários nos quais professores e alunos devem colaborar de modo que a "a Universidade do futuro seja ao mesmo tempo criadora de ciência", progressiva original de modo a transformar a nação "em consciências colectivas responsáveis, com vontade própria, independência individual, dignidade cívica e com carácter", para usar as suas palavras.

Tal é a sua visão fundamental da missão da Universidade que deixando de parte aspectos pontuais hoje ainda mantém toda a actualidade e vigor.

Toquei ao de leve num aspecto importante da mensagem de Abel Salazar; mas apenas me pediram uma breve "intervenção" pois o principal, neste momento, é entrarmos em contacto com a obra artística de Abel Salazar, que é um mundo cheio de maravilhas.